

## **ESPAÇO LIVRE DE EXPERIMENTAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E ACESSIBILIDADE: RELATO DO VIVIDO JUNTO AO CURSO DE JORNALISMO DA UNEMAT**

**Felipe Collar Berni<sup>1</sup>, felipecollar@gmail.com**

### **RESUMO**

O texto compartilha memórias e realiza debates sobre o ensino de acessibilidade comunicativa a partir de uma experiência vivida no curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Para tal, localiza pressupostos que provocam a incorporação de recursos e técnicas de acessibilidade para uma inter-relação possível, livre e autônoma da pessoa com deficiência junto aos produtos e processos jornalísticos; apresenta o contexto e antecedentes, o curso e seus objetivos, bem como os desdobramentos da atividade.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Ensino de Jornalismo. Acessibilidade. Pessoa com deficiência. Unemat.

### **1. INTRODUÇÃO**

Este relato rememora uma experiência com vários pontos de partida e desdobramentos que continuam a germinar. Ele destaca a 22<sup>a</sup> edição do Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo, realizada em Manaus em 2023, evento que marcou minha primeira participação como professor de Jornalismo. Naquela ocasião, de maneira modesta, apresentei um texto no GT Projetos Pedagógicos e Metodologias de Ensino que refletia pensamentos, angústias e perspectivas que eu carregava sobre transformações possíveis na vida de pessoas com deficiência se os recursos e práticas de acessibilidade comunicativa fossem consagrados nas rotinas produtivas do jornalismo (Collar Berni, 2023). Defendi

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (PPGCC/Unisinos), com bolsa de estudo financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Professor substituto do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Integra o Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM (Unisinos/CNPq) e a Rede AMLAT.

o ensino da acessibilidade comunicativa como uma estratégia de aleijar<sup>2</sup> (Mello, 2019) o *modus operandi* capacitista do jornalismo – criando fissuras e oportunizando novas maneiras e práticas de produzir conteúdos jornalísticos acessíveis desde sua concepção. O ponto-chave de tensão era: por meio de quais mobilizações pedagógicas poderíamos efetivar o ensino da acessibilidade para estudantes? Uma disciplina específica? A ampliação das ementas? Nosso relato descreve a estratégia de construção de um espaço extraclasse para promover debates e experimentações.

## 2. O contexto unematiano

O curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso formou sua primeira turma em 2006, ainda no campus de Alto Araguaia. Em 2017, foi transferido para a cidade de Tangará da Serra, na região do meio-norte do Estado. O curso está prestes a completar 20 anos de existência no ensino de Jornalismo desde o interior do Mato Grosso. Minha chegada como professor substituto na instituição ocorreu no contexto da pandemia de Covid-19, no segundo semestre de 2021.

Na condição de professor e doutorando, é inevitável que os atravessamentos e enfoques próximos à processualidade da pesquisa que desenvolvemos apareçam em sala de aula. Daí o estímulo e a cobrança dos estudantes por oferta de espaços de discussão sobre jornalismo e deficiência – da acessibilidade às mobilizações de imagens e sentidos.

O ano letivo de 2022 aleijou pedagogicamente o curso, exigindo reflexões constantes para a construção de um ambiente acessível e acolhedor para realidades sensoriais diferentes daquelas tidas como padrão (pessoas videntes e ouvintes). Ingressaram no curso de Jornalismo da Unemat dois novos estudantes não-videntes. Dois novos estudantes não-videntes ingressaram no curso de Jornalismo da Unemat, o que demandou reformulações estruturais e culturais

---

<sup>2</sup> A teoria aleijada oferece um “modelo cultural” da deficiência, se opõe aos modelos médico e social, rechaçando a ideia de que não ter uma deficiência seja um estado “natural” de todo ser humano.

para acolher a diversidade de sensorialidades. Embora essas mudanças tenham sido, em sua maioria, para garantir o direito à educação, também foram projetadas iniciativas visando à acessibilidade na produção e consumo de produtos jornalísticos.

### 3. O curso

Como ação de extensão, o curso “*Espaço Livre de Experimentação em Comunicação e Acessibilidade*” foi ofertado no segundo semestre de 2023<sup>3</sup>. Seu formato livre buscou repensar as hierarquias do conhecimento, convidando os coparticipantes a assumir protagonismo na formulação e criação do espaço.

O curso ganha forma a partir do contexto da Unemat e também de demandas mais amplas apresentadas ao campo jornalístico. A falta de acessibilidade comunicativa para o livre e autônomo consumo de produtos comunicacionais por pessoas com deficiência viola o direito humano à comunicação (Collar Berni; Bianchi, 2023; Beraldo, 2021; Bonito, 2016), relegando uma considerável parcela da população à pobreza informacional e criando cidadãos de segunda classe, privados da dignidade de experimentar e participar da vida social mediada pela mídia, como no jornalismo, por exemplo. Ao considerarmos a deficiência em sua dimensão biopsicossocial (Diniz, 2007; Mello, 2019), fica evidente a inadequação das estruturas sociais em atender às diversas maneiras e possibilidades de vida. O modelo hegemônico do jornalismo se torna falho ao não produzir conteúdos acessíveis para um público com necessidades específicas.

O Espaço Livre de Experimentação em Comunicação e Acessibilidade buscou contribuir para a mudança dessa conjuntura, oferecendo um curso de extensão que capacitasse especialmente estudantes, professores e profissionais da área de Comunicação no ensino e uso de recursos de acessibilidade

---

<sup>3</sup> Institucionalizado sob o parecer 439/2023 da Pró-Reitora de Extensão e Cultura (PROEC/Unemat). O curso contou com a colaboração das professoras Amanda Noletto e Lilian Juliana Martins.

comunicativa, reconhecendo, assim, as pessoas com deficiência como público-alvo e sujeitos de direitos.

A primeira oferta do curso privilegiou o debate sobre *Audiodescrição*<sup>4</sup>, levando em consideração a transversalidade do audiovisual em produções jornalísticas e comunicacionais. Foram reservados três encontros para as discussões e exercícios práticos: Introdução ao conceito de Acessibilidade Comunicativa e à Audiodescrição; #ParaTodosVerem: audiodescrição aplicada às redes sociais; Audiodescrição e Jornalismo. O objetivo geral foi apresentar o recurso da Audiodescrição como técnica possível para a comunicação acessível de pessoas cegas ou com baixa visão. Os resultados esperados versavam sobre a compreensão teórica e prática do conceito de acessibilidade comunicativa a partir da experimentação.

#### **4. Marcas e provocações que ficam**

Do vislumbre com a novidade do conhecimento; do uso crítico da técnica; dos relatos compartilhados sobre as vivências como pessoas cegas; o Espaço Livre de Experimentação em Comunicação e Acessibilidade germinou no coletivo de 40 coparticipantes atenção para produções jornalísticas acessíveis, quereres de aprendizagem sobre outros recursos de acessibilidade e defesa da reformulação de estruturas e rotinas capacitistas e inacessíveis dentro do jornalismo. Destaco duas situações marcantes.

Quando da problematização da invenção da deficiência e sua construção social, o grupo, majoritariamente formado por pessoas videntes, foi provocado a consumir uma obra audiovisual primeiro através da audiodescrição. O desconforto foi generalizado, com exceção daqueles sujeitos que já dispunham de uma habilidade sensorial maior através da audição – no caso, os coparticipantes

---

<sup>4</sup> Audiodescrição, segundo Lívia Motta, é uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. Além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos. Disponível em: <http://www.vercompalavras.com.br/home> Acesso em: 29 fev. 2024.

com deficiência visual. O desconforto foi delineado a partir da dificuldade de compreender o filme apenas através de elementos sonoros (seja a fala, sons, música e a própria tradução das imagens em texto). A partir dessa experiência vivida, houve a possibilidade de tensionar aquilo que se convencionou como norma, regra ou padrão. Naquele espaço e contexto, os “deficientes” eram os videntes.

Outra situação envolve uma estudante vidente que influenciada pelas discussões do curso se aproximou da colega de turma não-vidente. Num Seminário Temático apresentado de maneira conjunta, relataram que toda o estudo e preparação se deu a partir dos elementos de acessibilidade, todos os slides foram audiodescritos e transcritos para o Braille, para que a estudante pudesse acompanhar, intervir e participar da apresentação como um todo. Como coparticipante do curso e tendo experienciado a vivência próxima a uma pessoa cega, essa estudante, até então alheia às particularidades das deficiências, tornou-se *ledora-escrevente*, modalidade de assistência estudantil articulada pela instituição para minimizar as desvantagens que a dinâmica estrutural e pedagógica impõe ao estudante com deficiência.

É comum relatos de colegas que foram cobrados em sala por estudantes sobre acessibilidade dentro daquela disciplina específica. Também, de estudantes que desejam novos desdobramentos e espaços para a experimentação. O que relato, constrói memória do vivido junto da comunidade da Unemat, celebra tentativas de *aleijar* o campo da Comunicação e o ensino de Jornalismo extremamente regidos pelos *modus operandi* do capacitismo.

O ensino de acessibilidade comunicativa não pode ser considerado utópico, tampouco colocado num patamar secundário. É de se lembrar que as crises que atormentam o jornalismo, tem a ver, também, da presença que ele ocupa junto aos seus públicos. Quando ignora uma parcela da população, torna-se obsoleto. Sabemos que o jornalismo não pode ser descartável. A solução não está apenas nas mãos das Escolas de Comunicação, mas um outro jornalismo passa por elas.

## REFERÊNCIAS

BERALDO, Carla Tonetto. "**Quem cabe no seu todos?**". **Jornalismo e deficiência visual:** um estudo sobre acessibilidade e usabilidade de notícias em redes digitais. Orientador: Marcos Silva Palacios. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas), Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

BONITO, Marco. A Problematização da Acessibilidade Comunicativa como Característica Conceitual do Jornalismo Digital. **Âncora - Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, v. 3, n. 1, p.175-193, jan./jun. 2016.

COLLAR BERNI, Felipe. Provocações para (re)pensar o ensino de acessibilidade comunicativa nos cursos de Jornalismo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE JORNALISMO, n. XXII. 2023, Manaus. **Anais do 22º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo**. Brasília: ABEJ, 2023. p. 1-12.

COLLAR BERNI, Felipe; BIANCHI, Graziela Soares. O direito humano à comunicação de pessoas com deficiência: questionamentos e perspectivas no campo do jornalismo. **Eptic - Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, v. 25, n. 1, p. 45-62, 2023.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

MELLO, Anahí Guedes de. **Olhar, (não) ouvir, escrever:** uma autoetnografia ciborgue. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.